

A MARMITA PRETA

Segundo fotos e mesmo nos achados dos campos paraguaios, usávamos uma espécie de marmita, quase uma panela com tampa, durante a grande guerra 1865/70.

Depois disso, descuidamos de desenvolver um modelo de marmita adequado à nossa dieta. Adquirimos o modelo em uso nos exércitos europeus (alemão e francês), apropriado à dieta deles, que era à base de sopa. Uma marmita quase cônica, dentro da qual, ao invés das sopas, despejávamos a ração quente do EB: arroz, massa, feijão, carne, farofa, batatas, ovo cozido, mariola e o que mais existisse mastigável.

A lendária marmita preta. Presa atrás das mochilas ou na carga da frente da sela, na tropa hipo. Portanto, portátil; marchava-se com essa marmita, a ração lá dentro. Misturando-se ingredientes com os andores balançados das marchas a pé de infantes e o sacolejar intenso dos cavalarianos montados em seus animais. A tampa da marmita quase explodia quando a ração começava a fermentar, nos trotes largo das marchas de aproximação, ao sol escaldante.

Eis a razão pela qual os ardorosos guerreiros daqueles tempos, em particular os de cavalaria, chegavam de olhos cambados e boca aberta, soprando o fogo das azias, ao final das suas heróicas jornadas.



ESTEBAN
mario